

Um olhar sobre o romance *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis

Soraia Ribeiro Cassimiro Rosa*

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo a abordagem do romance *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis, tendo como perspectiva a sua leitura dentro do panorama da literatura brasileira canônica e a articulação própria que faz entre discurso literário e histórico. O romance foi publicado em 1859, em pleno romantismo, e é marcado por uma visão peculiar no que tange ao possível discurso das minorias no século XIX. Sua narrativa divide uma estrutura bastante conhecida dos chamados romances românticos e a inovação de um discurso que parece romper com a tradicional visão do negro difundida nos romances da época.

PALAVRAS-CHAVE: literatura; gênero; etnicidade; historicidade.

ABSTRACT - The present research has the objective to approach the literary book *Ursula*, by Maria Firmina dos Reis, analyzing her importance inside Brazilian National Literature and the own articulation between literary speech and historic speech. The romance was published in 1859, in the Romanticism and it is marked by a peculiar position referring to possible minorities' speeches from XIX century. His narrative divides a known structure of the romantic novels and the innovation of the speech that mean breaks with traditional view of the negro widespread in these periods' novels.

KEYWORDS: literature; gender; ethnicity; historicity.

1- INTRODUÇÃO

“A voz de minha bisavó ecoou
criança
nos porões do navio.
Ecoou lamentos
de uma infância perdida”.
Conceição Evaristo

O século XIX foi marcado por transformações e mudanças profundas nas estruturas econômicas e sociais da Europa que afetaram o mundo todo em virtude das características do processo de expansão. As grandes teorias científicas e filosóficas desempenharam importante papel na cultura, influenciando pessoas, grupos e conseqüentemente a arte. De acordo com Fausto (2000), a Europa se edificava como pólo eurocêntrico e o imperialismo bania as formas diferentes de cultura e identidades.

Com isso, aconteceram importantes modificações que atingiram diversos segmentos de nossa sociedade e as ideias filosóficas, políticas e sociais advindas da Europa passaram a nortear uma parte dos intelectuais do Brasil. Burke (1992) afirma que, sem dúvida, era um modelo histórico-cultural advindo de uma cultura patriarcal e hegemônica, excluindo vários agentes sociais, dentre os quais a mulher, o negro e outras facções que não se coadunavam com as classes dominantes. Conseqüentemente, a historiografia viu-se como instrumento de representação das realidades de forma parcial. O seu objeto coincidia com uma ideologia burguesa que

acreditava nos milagres do desenvolvimento na colônia através do progresso advindo, sobretudo, da grande contribuição dos colonizadores para a transformação do espaço selvático em civilização. Durante décadas, acreditou-se que a América era o paraíso a ser habitado e governado pelo mundo antigo, trazendo-lhe uma tradição que conseguiria aplacar as fortes diferenças socioculturais e, sobretudo, fazer desaparecer os horrores da colonização.

A revisitação deste modelo excludente de padrão tradicional, após décadas, tem sido fonte de inúmeros questionamentos nos diversos campos de ideias históricas e literárias e, sobretudo, dos saberes constituídos; várias correntes de pensamento propõem uma nova verificação das fontes para que grupos “excluídos” e “silenciados” desse processo possam ter voz e a história proporcione uma maior abrangência dos variados setores em estudo.

Telles (1997) afirma que no caso brasileiro é importante refletir sobre a evolução educacional no país e a inserção da mulher e do negro neste processo, uma vez que várias pesquisas têm buscado novas fontes para o estudo de seu real posicionamento social e artístico na sociedade oitocentista. De acordo com Louro (1997), a questão da educação no Brasil se produziu a passos lentos. O país contava com a maioria da população analfabeta em uma sociedade predominantemente rural e escravocrata, apresentando um reduzido número de escolas fundadas por congregações e ordens religiosas, em que a maioria era destinada aos homens. Já se percebiam nítidas diferenciações entre os sexos, a etnia, a raça e as divisões entre as classes, causando diversidades nos propósitos educacionais. A autora enfatiza que a educação da população de origem africana se dava na violência do trabalho cotidiano e na luta pela sobrevivência. O acesso destes às escolas ocorria em caráter excepcional, ratificando a sua exclusão dos meios de conhecimento.

No que tange à mulher na sociedade brasileira do século XIX, de uma maneira geral, sabe-se que esta vivia em condições reclusas, sem acesso à educação formal ou à vida cultural e literária do país. Louro (1997) afirma ainda que as últimas décadas do século XIX apontavam para a necessidade de educação da mulher, aliando-se ao projeto de modernização da sociedade. Porém, o tipo de educação oferecido às mulheres sempre foi diferenciado. O discurso patriarcal do século XIX era preciso, a mulher era subjugada pelos homens inclusive em sua capacidade criativa, sobretudo pelo fato de que a educação tinha como objetivo formar mães e esposas reclusas e subservientes, para agradar e servir ao homem.

Ao longo da história, constatou-se que foi um reduzido número de mulheres e negros que, de alguma forma, tiveram acesso à educação formal, e ainda menor o número daquelas cujos escritos chegaram ao conhecimento do público leitor. Entretanto, percebeu-se que alguns mulatos conseguiram ter acesso à escola. Os afrodescendentes e as mulheres que antes não possuíam nenhum direito passam gradativamente a se manifestarem por meio da cultura e na literatura. De maneira tímida começaram a surgir manifestações, questionamentos quanto à condição de submissão humana, às injustiças, às situações desiguais de privilégios.

Úrsula, romance de Maria Firmina dos Reis, foi escrito em 1858 e pode ser considerado o primeiro romance abolicionista brasileiro de autoria feminina. A escritora é um exemplo de mulher que teve acesso à educação, mesmo sendo afro-brasileira. Dessa forma, pode-se dizer que a educação foi a forma encontrada para que a autora manifestasse sua visão crítica quanto à sociedade em que vivia.

Maria Firmina dos Reis ainda impressionou a comunidade em que viveu fundando uma escola mista, algo inédito para a época de acordo com Duarte (2004). Sua educação transcendeu a formação das mulheres de seu tempo, o que pode ser comprovado nos relatos dos muitos escritos deixados pela autora, dando relevância à reconstituição histórica do papel da mulher na sociedade do século XIX no Brasil.

A obra é interessante sob diversos aspectos, dentre os quais a denúncia de injustiças praticadas livremente em uma sociedade autoritária e patriarcal que, no Brasil, era percebida por alguns intelectuais e, sobretudo, pelas minorias mais afetadas, como o negro e a mulher. De acordo com Telles (1997), o que mais distingue o livro não é o enredo romântico de amor, dor, incesto e morte, temas comuns ao romance do século XIX, mas o tratamento dado à questão do escravo. A obra se diferencia das outras e, sobretudo, das produções literárias de seu tempo. Se tomarmos como exemplo os romances *Iracema* e *O Guarani*, de José de Alencar, no que se refere ao ideal nacionalista de uma literatura comprometida com a construção da ideia de nação, saberemos que estes dois livros são particularmente sintomáticos, pois traduzem na construção dos personagens indígenas a idealização da colônia, traçando-os como dóceis, bons, símbolos de bravura e inocência, desde que demonstrem sensibilidade passiva aos feitos civilizatórios do nobre português.

O romance de Maria Firmina dos Reis, entretanto, apresenta-se em dissonância com esse discurso, uma vez que as personagens negras da narrativa são conscientes quanto à sua condição e conhecedoras da própria cultura e do passado africano, como é o caso da personagem Suzana.

De acordo com Burke (1992), os pesquisadores têm recentemente argumentado que a substituição de uma história antiga por uma nova (mais objetiva) é um tema recorrente na historiografia. A nova história estabelece um longo percurso de tentativas de escrever-se uma história mais abrangente do que a tradicional.

Recentes historiadores parecem preocupados com uma nova perspectiva do objeto histórico, ou seja, incluindo a opinião de pessoas comuns e suas experiências da mudança social. Consequentemente, novos campos desenvolvem-se, como a história das minorias, das mulheres e da cultura popular. As relações entre os gêneros em geral e a construção histórica do discurso feminino e do masculino tornam-se objetos de estudo de alguns destes pesquisadores, revelando o posicionamento social ocupado pelas classes e pelas minorias quanto ao processo de conhecimento. Ainda de acordo com Burke (1992), o acesso à verificação de novas fontes históricas, como as literárias, permite abranger diversas “vozes” dos excluídos da história, como as mulheres.

No Brasil, muitas foram as mulheres que escreveram no século XIX, fato comprovado em estudos recentes que têm se dedicado ao resgate das mesmas (basta atentarmos para o número de publicações que a Editora Mulheres tem feito na última década).

De acordo com alguns pesquisadores, Maria Firmina dos Reis foi escritora e musicista, além também de escrever poesias e crônicas. Seu livro *Úrsula* denuncia a condição das mulheres e do negro na sociedade do século XIX, demonstrando uma nova ótica no tratamento dado à questão de caracterização do africano sequestrado pelos colonizadores, em uma época de teorias de “superioridades raciais” e preconceito.

Este estudo fundamenta-se, portanto, no ponto de vista dos aspectos discursivos presentes no texto literário para dar a conhecer aos leitores modernos o resgate da produção artística de pessoas externas ao “cânone oficial”, além da contribuição para o conhecimento mais amplo de obras que caracterizam o período romântico do século XIX no Brasil e estabelecimento das variações do gênero.

2 - GÊNERO, RAÇA E HISTORICIDADE NO ROMANCE ÚRSULA

A obra possui um narrador em terceira pessoa que inicia a narrativa mostrando ao leitor a paisagem exuberante onde se passará a história. Utiliza uma linguagem poética, por meio da qual a ambientação natural é vista em quase toda a obra, salvo algumas exceções em que se mostra o pequeno vilarejo. A protagonista vive nesse ambiente natural passado no campo, mas algumas cenas ocupam lugar em um pequeno povoado de nome Vila dos Guimarães, no Maranhão:

São vastos e belos os nossos campos, porque inundados pelas torrentes do inverno semelham o oceano em bonançosa calma. [...] E sua beleza é amena e doce, e o exíguo esquife, que vai cortando as águas hibernais mansas e quedas, e o homem, que sem custo o guia, uma vaga sensação de melancólico enlevo desprende um canto de harmoniosa saudade, despertando pela grandeza dessas águas, que sulca (REIS, 1988, p. 15).

A personagem Úrsula é caracterizada no terceiro capítulo a partir de um recorte psicológico, retratado no desvelo que sentia pela mãe doente:

Dias inteiros estava à cabeceira do leito de sua mãe, procurando com ternura roubar à pobre senhora os momentos de angustiada aflição; mas tudo em vão porque seu mal progredia, e a morte se lhe aproximava a passo lento e impassível, porém firme e invariável. (REIS, 1988, p. 43).

Trata-se de uma personagem com caráter digno e bom, preocupada com a convalescença de sua mãe e despertando-se ao amor do jovem Tancredo; hospedado em sua casa para recuperar-se de um acidente. Ela é uma jovem que possui os encantos da adolescência, assim, na sua singular pureza, desperta também a paixão do rapaz. Vejamos outras passagens do texto que também caracterizam a personagem: “[...] Imergida em sua meditação, às vezes esquecia-se de si própria para só pensar no seu Tancredo. [...] punha-se a entalhar na árvore, testemunha da primeira ventura, o nome de Tancredo” (REIS, 1988, p. 124).

Na citação, podemos notar que o narrador caracteriza a personagem mostrando o estado de espírito da moça que, como digna heroína romântica, possuía sentimentos profundos e verdadeiros. Na verdade, o narrador nos mostra uma personagem afetiva, com receio de perder a mãe, transferindo no decorrer da trama o sentimento de amor para Tancredo.

Para Aguiar e Silva (1992), uma característica fundamental da literatura romântica consistia na valorização do sentimento, assim percebemos que a sensibilidade aparece como o mais legítimo título de nobreza das almas, inferindo-se que a bondade e a virtude são atributos naturais das almas sensíveis.

O romance possui, ainda, uma estrutura peculiar, utilizando o encaixe de narrativas. Esta técnica consiste em diversas narrativas entrelaçadas em uma história principal, proporcionando uma compreensão melhor do texto como um todo. Na primeira narrativa, cujo título é “Duas Almas generosas”, dá-se a conhecer dois

personagens: Tancredo e Túlio. Podemos observar nesse momento como a questão do escravo é tratado pelo narrador e sua condenação enquanto instituição: “E o mísero sofria; porque era escravo, e a escravidão não lhe embrutecera a alma; porque os sentimentos generosos, que Deus lhe implantou no coração, permaneciam intactos, e puros como sua alma” (REIS, 1988, p. 23).¹

Percebemos que a relação entre os pretéritos imperfeito, perfeito e mais-que-perfeito, destacados acima, demonstram a continuidade da situação escravagista vivida em contraposição à dádiva dada por Deus ao personagem na ação passada. A autora evidencia o sentimento do escravo Túlio de sofrimento quanto à sua condição social, mas lhe concede um valor divino único na idealização da pureza da alma. Observamos aqui a ideologia cristã que envolve a obra e a tendência da visão romântica, uma vez que sua condição social não limita os poderes de Deus sobre sua índole.

Em outro fragmento, na mesma página, notamos a reiteração do sentimento de opressão transmitido pelo narrador, porém com o uso do tempo futuro, que parece indicar a esperança do fim da escravidão e da injustiça, discurso ideologicamente situado no porvir. Esta desventura narrada coaduna-se, em parte, ao estímulo liberal presente em poemas de autores que também se uniam aos mesmos ideais de luta contra a escravidão, como é o caso de Castro Alves (1847-1871), possuidor de uma poesia com um tom eminentemente de apelo social; incorporando o negro de forma definitiva na literatura, apresentando-o como um ser profundamente dignificado e humanizado. Assim, Maria Firmina dos Reis também se inspira no discurso poético de seu tempo, lembrando a poesia grandiloquente e com tom oratório: “-Senhor deus! Quando calará no peito do homem a tua sublime máxima –ama a teu próximo como a ti mesmo- e deixará de oprimir com tão repreensível injustiça ao seu semelhante!” (REIS, 1988, p. 23).² O tom oratório presente na chamada poesia “condoreira” serve aqui como grandiloquência do pensamento liberal cristão, tão comum aos escritores adeptos da abolição na América.

Túlio é uma personagem que representa, portanto, um papel importante na trama. É um jovem inconformado com sua condição de escravo, como podemos observar no trecho: “Era infeliz; mas era virtuoso; e por isso seu coração enterneceu-se em presença da dolorosa cena, que se lhe ofereceu à vista” (REIS, 1988: 23). A oração adversativa demonstra claramente a relação entre o desejo (felicidade) e a honra (virtude), marcando a sobreposição do caráter nobre sobre os possíveis efeitos da interioridade, ou seja, a disposição firme e constante para a prática do bem. Vemos que o narrador funde sua opinião ao fundo histórico da narrativa, pois estiliza a percepção de um grupo social “invisível” e “oprimido”, os negros escravos. Evidentemente, muitos autores evitavam esta ótica em suas histórias, pois a segregação social, cultural e racial era intensa em fins do século XIX. O tema da escravidão era espinhoso, pois demonstrava os fortes resquícios da cultura colonial em um país que aspirava ideais de liberalismo.

O aspecto da escravidão no Brasil, entretanto, ganha força em Maria Firmina dos Reis, pois sua visão inovadora busca trazer novas perspectivas na focalização das vozes narrativas. Podemos perceber em uma passagem do capítulo IX, em que o discurso da preta Susana é posto em cena, desde a saída forçada de sua terra

¹ Grifos nossos.

² Grifos nossos.

natal, a África, até o abandono de sua família e os horrores sofridos no navio negreiro:

– Sim, para que estas lágrimas?!...Dizes bem! Elas são inúteis, meu Deus; mas é um tributo de saudade, que não posso deixar de render a quem me foi caro! [...] Tranquila no seio da felicidade, via despontar o sol rutilante e ardente do meu país. Ah, Túlio, tudo me obrigaram os bárbaros a deixar! oh! tudo, até a própria liberdade (REIS, 1988, p. 115).

A crueldade humana atingiu níveis inaceitáveis, esgotando os recursos na invenção de penas e tormentos, aos quais os escravos eram submetidos. A originalidade de abordagem do tema da escravidão fica a cargo do capítulo nove, em que observamos a consciência e revolta desta personagem ao refletir sobre o seu passado, desde o exílio na África e o sentimento de dor e revolta ao tratamento desumano dispensado aos negros no Brasil:

[...] O comendador P... foi o senhor que me escolheu. Coração de tigre é o seu! Gelei de horror ao aspecto de meus irmãos... os tratos , por que passaram , doeram-me até o fundo do coração! O comendador P. derramava sem se horrorizar o sangue dos desgraçados negros por uma leve negligência, por uma obrigação mais tibiamente cumprida, por falta de inteligência! (REIS, 1988, p. 118).

De acordo com Duarte (2004), percebemos neste trecho do enredo, o discurso do outro fazendo ouvir pela primeira vez na literatura brasileira a voz dos escravizados, identificando-se uma voz política que denuncia o conquistador europeu como bárbaro.

É um importante aspecto a ser refletido, pois podemos observar que além da exploração do negro, o narrador pensa a questão do gênero. A voz feminina que não aceita a exploração, a humilhação, manifesta-se, assim, na voz da personagem Susana. De acordo com Muzart (2000), no posfácio do livro, este aspecto é importante porque traz à literatura brasileira uma visão diferente do passado do negro africano.

Notamos na narrativa a consciência da memória, o conceito de liberdade e a própria visão de mundo, o que nos permite refletir sobre o passado histórico frente à colonização nos diversos continentes, principalmente na África e o reconhecimento da formação de nossa própria civilização. Em *Úrsula*, o discurso literário e o discurso histórico são coadunantes na questão da escravidão e dos moldes do romance romântico do século XIX.

A obra apresenta também diálogos com outros textos, comprovando que a autora possuía um nível cultural considerável para o padrão legado às mulheres do seu tempo. Percebemos que a autora apreciava a literatura francesa, onde cita autores românticos do século XVIII, como Bernadin de Saint - Pierre; notando neste fragmento, a referência à cultura europeia diluída por comparações com a natureza brasileira:

Era uma dessas tardes que só Bernadim de Saint Pierre soube pintar no delicioso Paulo e Virgínia, que deleita a alma, e a transporta a essas regiões aéreas, que só a imaginação compreende, e que divinizando as nossas ideias, nos torna superiores a nós mesmos (REIS, 1988, p. 153).

As outras personagens da obra têm participações também importantes. Ocupando o plano principal das ações temos o triângulo amoroso retratado por Tancredo e o tio de Úrsula Comendador, que também se apaixona pela protagonista.

A personagem do Comendador é caracterizada como sendo um homem atormentado, obcecado e possuidor de uma maldade extrema. Nota-se no decorrer da história que o mesmo é um homem perigoso e responsável pela morte do pai de Úrsula e da condição de enfermidade da mãe, Luísa B. Trava uma perseguição para desposar Úrsula a qualquer custo, como uma espécie de prêmio por sua condição. Podemos perceber isto no trecho:

Úrsula podia deixar de aceitá-lo por tutor, e, ainda aceitando-o, recusar-se energeticamente a ser sua esposa. O comendador estava afeito a mandar, e por isso julgava que todos eram seus súditos ou seus escravos (REIS, 1988, p. 178).

O Comendador é caracterizado como o representante do máximo poder colonial, proprietário de terras, além de ser uma criatura prepotente e ignorante, trama, ainda, artifícios para assassinar o escravo Túlio e o jovem Tancredo. Assim, torna-se isolado do mundo exterior, sendo odiado por todos e também pelos seus escravos, afundado no subterrâneo de uma alma tenebrosa, o que o leva à morte, já totalmente ensandecido, com a rejeição de Úrsula. Percebemos aqui o olhar crítico e interpretativo da autora aos representantes do poder centralizado, ao mandato patriarcal escravocrata no Brasil colonial, nas falas e entrelinhas do discurso das personagens.

Em oposição a esta personagem está a composição de Tancredo, que é elaborada seguindo a linha de visão tipicamente romântica. A personagem tem aspectos de cavaleiro medieval, descrito como pálido e abatido em seu cavalo. Assim, ele demonstra um caráter justo, generoso e bom, além de ser financeiramente abastado, possuindo um sentimento nobre de gratidão à Túlio, escravo que o salva do acidente, logo no início da trama: “Recebe amigo, este pequeno presente que te faço e compra com ele sua liberdade” (REIS, 1988, p. 42).

Observamos que o reforço da ideia de gratidão revela a sua alma de nobre. Essa caracterização e a relação amorosa impossível de um casal de jovens de condições socioeconômicas distintas comprovam o caráter romântico da obra.

Esse personagem tem a existência marcada pela figura de sua mãe, mulher boa e menosprezada pelo marido (mencionado como cruel e egoísta). Tancredo, no entanto, tem veneração pela mãe, podemos perceber no trecho:

E eu vi essa mulher, que me dera a vida, essa mulher, que era o ídolo do meu coração, e lancei-me nos seus braços, chorando de alegria por tornar a vê-la; mas ela estava desfeita, e suas feições denunciavam grande abatimento moral (REIS, 1988, p. 58).

O romance aponta conflitos psicológicos e de sentimento no âmbito familiar da protagonista e também de Tancredo. Este reconheceu na personagem da moça Adelaide seu primeiro amor, entretanto, este lhe é negado pelo pai que o envia para um exílio de um ano, apaixonado também pela moça. Quando Tancredo retorna encontra a mãe morta e o pai casado com a moça que amava. Desesperado ele

parte, quando sofre um acidente, é socorrido pelo escravo Túlio e é levado para a casa de Úrsula.

É nítida a observação de que o narrador evidencia a posição das mulheres burguesas citadas como no caso da mãe do mancebo Tancredo, ainda que seu nome não seja dito. No contexto histórico ao romance, estas mulheres também eram vistas e idealizadas como “anjos de virtude” para o cuidado do lar e subestimadas pelo marido, ressaltando-se nitidamente o típico regime do patriarcado, vigente no Brasil por séculos. Percebemos isto em muitos trechos em que o marido, pai de Tancredo, lhe dirigia a palavra: “-Senhora! Quando deixareis partir vosso filho? Por toda a resposta, só lhe ouvi um gemido de profundo desânimo” (REIS, 1988, p. 79).

E também em outros trechos em que se nota a renúncia, o sacrifício e o temor que as mulheres sentiam por seus esposos: “Ah! Ela temia seu esposo, respeitava-lhe a vontade férrea; mas com uma abnegação sublime quis sacrificar-se por seu filho” (REIS, 1988, p. 63).

Essa anulação da vontade e dos desejos das mulheres no século XIX é relatada em outro trecho do livro, quando Úrsula se refugia em um convento. Sabemos que o claustro era um local que historicamente serviu de refúgio, de instituição onde as moças eram muitas vezes enclausuradas contra a vontade própria por seus familiares. Destaca-se, também, que ao ingressar neste mundo recluso a personagem encontra a única opção para escapar à perseguição de seu tio, o Comendador.

Aqui, verifica-se que o narrador relata o convento como um espaço de submissão, onde a condição sexual, no caso a virgindade das mulheres, é preservada: “As virgens que o habitavam, longe do mundo, não conheciam destes os gozos do momento, mas em suas almas amargava o doloroso pungir de profundos pesares” (REIS, 1988, p. 174).

Nunes (1997) relata que os conventos eram um espaço contraditório; funcionavam também como instrumentos eficazes de regulação de casamentos, onde a classe burguesa encerrava as filhas que não conseguiam “um bom casamento”, assim a riqueza e o poder político eram preservados por um pequeno grupo de famílias. Inferimos, assim, que a condição das mulheres e o seu lugar na relação de família eram totalmente voltados para a lei da “prudência”. As várias circunstâncias, entre elas, econômicas, sociais e culturais, contribuíram para a limitação da atividade feminina unicamente ao lar ou submetidas às vontades do homem.

A obra trata de valores como a nobreza dos sentimentos, do comportamento coerente com os princípios cristãos, da coragem, da amizade, entretanto possui um fim pessimista, com o enlouquecimento de Úrsula, o assassinato de seu amado Tancredo, o arrependimento do tio Comendador e a conseqüente morte, pois apenas esta pode libertar o homem da opressão, de acordo com os moldes românticos.

Ainda quanto aos aspectos do enredo, atentamos à questão da escravidão, permitindo refletir sobre o passado histórico do país, os costumes, as tradições da sociedade. Nas citações abaixo, percebemos no encaixe de narrativas as recordações de Susana, que são marcantes, além da menção à terra natal e percebemos que esta é sempre lembrada com saudosismo em trechos importantes, especialmente quando o escravo Túlio se anima com sua liberdade, que é

conquistada com a alforria proporcionada por Tancredo em gratidão aos seus serviços e à sua amizade:

–Tu! Tu livre? Ah não me iludas! –exclamou a velha africana abrindo uns grandes olhos. Meu filho, tu és já livre?...

– Iludi-la! –respondeu ele, rindo-se de felicidade – e para quê? Mãe Susana, graças à generosa alma deste mancebo é hoje livre, livre como o pássaro, como as águas: livre como o éreis na vossa pátria (REIS, 1988, p. 114).

Susana responde-lhe sobre as condições reais dessa “liberdade” e faz um questionamento:

– E logo dois homens apareceram, e amarraram-me com cordas. Era uma prisioneira - era uma escrava! Foi embalde que supliquei em nome de minha filha, que me restituíssem a liberdade: os bárbaros sorriam-se de minhas lágrimas, e olhavam-me sem compaixão... Julguei enlouquecer, julguei morrer, mas não me foi possível... (REIS, 1988, p. 117).

A personagem acrescenta:

Meteram-me a mim e a mais trezentos companheiros de infortúnio e de cativo no estreito e infecto porão de um navio. Trinta dias de cruéis tormentos, e de falta absoluta de tudo quanto é necessário à vida passamos nessa sepultura até que abordamos as praias brasileiras. Para caber a mercadoria humana no porão fomos amarrados em pé para que não houvesse receio de revolta, acorrentados como animais ferozes das nossas matas que se levam para recreio dos potentados da Europa (REIS, 1988, p. 117).

Suas recordações, desoladoras, revelam a lembrança deste direito perdido, além da amargura e as memórias da felicidade que vivia junto da família em sua terra natal e os maus tratos vividos no porão do navio durante a vinda para o Brasil. Percebemos que ao rememorar o país de origem, no caso a África, a personagem alude a este direito básico do ser humano que é o sentimento de liberdade negado aos negros e a tragédia social que é a existência do tráfico de pessoas, no caso o tráfico negreiro. Isto é notado nos dizeres de Susana que completa seu desabafo:

Davam-nos água imunda, podre e dada com mesquinhez, a comida má e ainda mais porca: vimos morrer ao nosso lado muitos companheiros à falta de alimento e de água. É horrível lembrar que criaturas humanas tratem a seus semelhantes assim e que não lhes doa a consciência de levá-los à sepultura asfixiados e famintos! (REIS, 1988, p. 117).

Desta forma, notamos uma abordagem diferente da autora que é a atribuição do direito à fala destes personagens, pois elas passam a construir suas próprias narrativas, contribuindo na reconstrução da identidade cultural dos agentes que participaram do processo. O romance de Maria Firmina dos Reis possui um eu enunciativo consciente de sua identidade que se constitui através de marcas textuais.

Souza (2005) afirma quanto à questão do escritor afro brasileiro: “O escritor afro- brasileiro está ciente, também, de que escreve, cita ou narra fatos a partir de uma perspectiva do seu grupo étnico-minoritário na economia das relações de poder”.

Com este posicionamento, a autora contribui para a construção de uma literatura que evidencia a memória coletiva e impulsiona a sua narrativa, além de trazer ao leitor as marcas de um passado histórico e reafirmando a identidade cultural.

É importante salientar que uma marca característica das personagens da autora quanto à originalidade são a coragem e a firmeza de propósitos. As personagens negras como Túlio e Susana têm grandes atributos e um deles é esta força interior para viver. Em muitos trechos da história, observamos um sentimento de serenidade mantida diante de diversos tormentos, como no caso em que é interrogada e ameaçada pelo Comendador, ocultando o verdadeiro paradeiro de Úrsula:

- Não sabes dela?! Queres arrostar comigo?... - e os olhos desferiram chamas de raiva, que gelavam de terror.
- Em nome do céu! – exclamou a mísera, atormentada por sinistras ameaças: – que sei eu?
- Cala-te, atrevida, ou ao menos modifica o teu crime, revelando-me o nome do homem, que ma roubou.
- [...] Ah, meu senhor... ela saiu só (REIS, 1988, p. 90).

Túlio igualmente possui esta energia moral ante as situações difíceis; para enfrentar as adversidades, além de demonstrar grande sentimento de amizade. Ele também enfrenta a fúria do tio de Úrsula, obcecado por persegui-la. Verifica-se no trecho quando o mesmo insulta o terrível homem:

- Covarde! – bradou Túlio, esquecendo a pessoa com quem falava, e quanto esta palavra insultuosa o podia perder – matai-me muito embora, estou em vosso poder. Não, nunca espereis que proteja o assassino, mormente contra aquele que me arrancou da escravidão! (REIS, 1988, p. 204).

Em outro trecho, o escravo arrisca a vida para alertar seu amigo sobre a iminente emboscada:

- Na sua carreira pressentiu um vago rumor á beira da estrada, e um vulto negro que se escondia atas de uma árvore copada. Uma tal aparição veio dar-lhe novas forças, e a suspeita fê-lo ativar a sua carreira (REIS, 1988, p. 212).

Rocha (2000) destaca que a especificidade da narrativa remete ao leitor não apenas os atributos das personagens, mas também a consciência das mesmas, comprovando o posicionamento ideológico da autora marcado por uma visão diferente dos autores da época. Prenuncia assim, o tema importante do enredo que é a escravidão e a opressão das mulheres, aspectos sociais relevantes e presentes no discurso de futuros abolicionistas.

Duarte (2005), em sua conferência publicada no livro *Literatura, Política, Identidades* faz uma importante reflexão no que tange à questão dessas “vozes dissonantes e esquecidas” e dos condicionantes históricos que relegaram os negros e a mulher à submissão:

- A contribuição de pesquisadores empenhados no resgate de vozes esquecidas da nossa literatura vai, aos poucos, construindo um instigante

suplemento a esta história. No caso, um suplemento de gênero, que desconstrói a narrativa eminentemente masculina até então em vigor.

Através desta reflexão, ressaltamos que muitos autores “esquecidos” como é o caso de Maria Firmina dos Reis, merecem no mínimo a revisitação da história literária que é dinâmica e sempre um ponto de vista que desperta questionamentos e expande as possibilidades de leitura.

Ressaltamos que a escritora maranhense contribuiu de forma definitiva ao resgate das minorias com a marca do discurso afrodescendente e feminino na literatura brasileira, merecendo, assim, uma visão ampliada da literatura. Além de possuir uma voz autêntica que desfaz a pretensa superioridade do abolicionismo branco, masculino e hegemônico no século XIX. Ainda neste aspecto, com o romance *Úrsula*, a autora acrescentou importantes elementos discursivos de recuperação da memória afro descendente a partir de uma perspectiva interna e no resgate da condição da identidade negra no Brasil.

Portanto, literatura, gênero, etnicidade e historicidade são alguns destes elementos discursivos que caracterizam a riqueza da obra, permitindo ao leitor estabelecer um olhar crítico ao nosso passado com sua visão ampliada, com a contribuição de obras literárias e outras formas de expressão cultural que não foram “contempladas” pelo cânone oficial literário brasileiro.

Com estas breves considerações, acreditamos ter demonstrado que a obra de Maria Firmina dos Reis contribui para a compreensão de outras formas de pensar a literatura no Brasil oitocentista, deixando um legado diverso que lhe permite ser objeto de estudos e compartilhar aspectos do romantismo. Essa literatura que leva ao leitor as marcas de um passado e a memória para afirmação da própria identidade.

Referências

- AGUIAR E SILVA, V. M. Rococó, Pré – Romantismo e Romantismo. In: *Teoria da Literatura*. Coimbra: Almedina, 1992.
- BURKE, P. (org). *A Escrita da História/ Novas Perspectivas*. São Paulo: Edunesp.1992.
- DUARTE, E. A. Maria Firmina e os primórdios da ficção Afro-brasileira. In: REIS, Maria Firmina dos. *Úrsula, a escrava*. Atualização do texto e posfácio de Eduardo de Assis Duarte. Florianópolis: Mulheres. 2004.
- DUARTE, E. A. *Literatura, Política, Identidades*. Belo Horizonte: FALE-UFMG: 2005, p. 113-131. Disponível em www.ufmg.edu.br.
- FAUSTO, B. *História do Brasil*. São Paulo: Universidade de São Paulo: Fundação para o Desenvolvimento da Educação, 2000.
- ALENCAR, J. *O Guarani*. São Paulo: Martin Claret, 2002.
- ALENCAR, J. *Iracema*. São Paulo: FTD, 1994.
- LOURO, G. L. Mulheres na Sala de aula. In: *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997.
- PRIORE, Mary Del. (org). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997.
- MUZART, Zahidé Lupinacci. *Escritoras Brasileiras do século XIX*. Florianópolis: Mulheres, 2000.

NUNES, M. J. Freiras no Brasil. In: *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997.

REIS, Maria Firmina dos. *Úrsula*. Organização, atualização e notas por Luiza Lobo; Introdução de Charles Martin. Rio de Janeiro: Presença; Brasília: INL, 1988.

ROCHA, L.C.M. Um novo olhar para o afro-brasileiro: Leitura de *Úrsula* de Maria Firmina dos Reis. In: *Desafiando o Cânone. Ecos de Vozes Femininas na Literatura Brasileira do século XIX*. Florianópolis: Mulheres, 2000.

SOUZA, F. S. *Afrodescendência em Cadernos Negros e Jornal do MNU*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. Disponível em www.ufmg.br.

TELLES, N. Escritoras, escritas, escrituras. In: *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997.

VÁRIOS AUTORES. *Cadernos Negros*. N° 13. São Paulo: Quilombhoje, 1990.

* Graduanda em Letras – Habilitação Português / Espanhol, pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro - UFMT. Trabalho orientado pela profa. Dra. Fany Tabak, da mesma Instituição.